



Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal no 1.º trimestre de 2026

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) atualiza as estatísticas de exportações e de emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. A produção dessas estatísticas é inspirada no conceito do agronegócio, atribuído a Davis e Goldberg (1957), que, além da agropecuária, abrange a produção de insumos e de bens de capital, a indústria de transformação de matérias-primas agropecuárias e as atividades especializadas na oferta de serviços e em armazenagem, distribuição e comércio atacadista dos produtos do agronegócio.

Os dados brutos¹, cuja revisão ocorre a cada nova divulgação mensal pelos respectivos ministérios, têm como fonte o Sistema Comex Stat e o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged). Como os dados de emprego formal do Novo Caged possuem maior defasagem de divulgação, a elaboração desta análise ocorre em um momento em que as estatísticas de comércio exterior do trimestre já passaram por revisões posteriores à divulgação inicial. Ainda que essa revisão implique variação modesta no valor agregado (1,2% neste trimestre), nas exportações do agronegócio ela pode repercutir de forma significativa nos resultados setoriais, em relação às divulgações realizadas anteriormente. No primeiro trimestre de 2026, por exemplo, a variação das exportações do agronegócio gaúcho passou de uma queda de 5%, considerando a base divulgada em abril, para um recuo de 3,8% após a atualização dos dados em maio. No setor de cereais, farinhas e preparações, a variação do primeiro trimestre de 2026, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, passou de queda de 1,7% para crescimento de 1,3%. Nos produtos florestais, a retração das exportações passou de 24,4% para 19,9% após a consolidação dos dados. Dessa forma, os resultados aqui apresentados utilizam uma base de comércio exterior mais acurada do que a disponível imediatamente após o encerramento do trimestre.

Em seguida, são apresentados os principais resultados do Rio Grande do Sul, referentes ao primeiro trimestre de 2026, comparativamente a igual período do ano anterior. Além da análise completa disponível nesta nota técnica, os dados das exportações e do emprego formal do agronegócio do RS e do Brasil podem ser explorados de forma interativa no BI-Setorial Agronegócio, do DEE-SPGG, que está disponível em <https://bi.dee.rs.gov.br/agronegocio>.

1 Exportações

No primeiro trimestre de 2026, as exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul somaram US\$ 3,2 bilhões, representando 72% das exportações totais do estado. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, houve queda de 3,8%, equivalente a uma redução absoluta de US\$ 127,2 milhões. Em termos nominais, esse resultado é o quarto maior da série histórica para um primeiro trimestre. Nesse trimestre, oito² setores apresentaram recorde histórico no valor exportado para o período em termos nominais, com destaque para as carnes e os animais vivos.

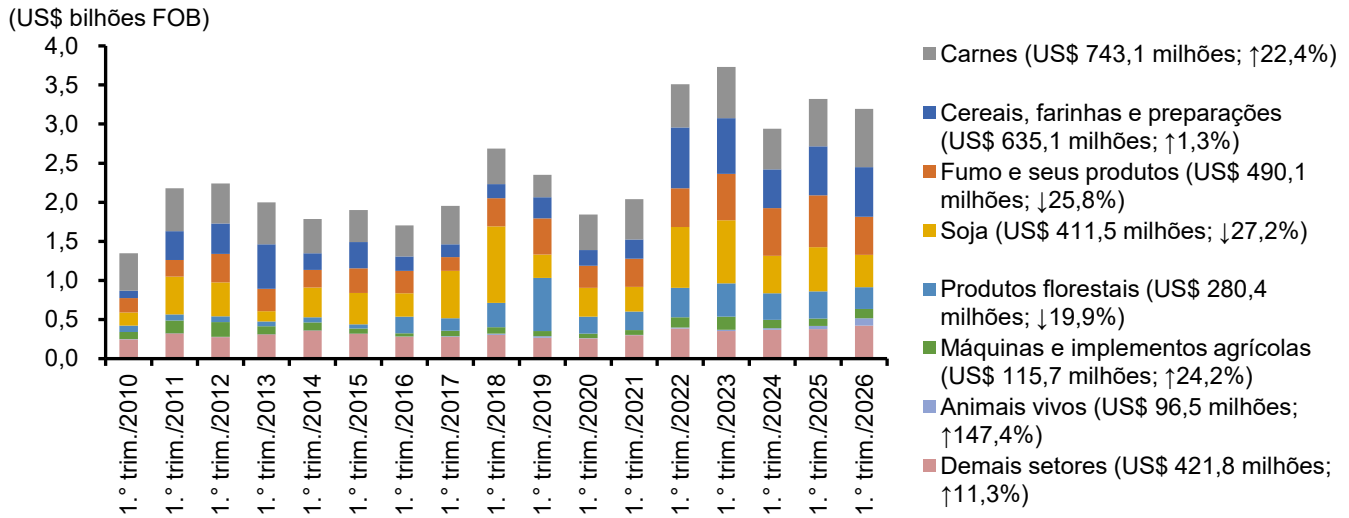
¹ Dados preliminares, sujeitos à alteração. No Comex Stat, a versão dos dados é a disponibilizada em 7.5.2026; no Novo Caged, é a de 30.4.2026.

² Carnes; animais vivos (exceto pescados); produtos oleaginosos (exclui soja); demais máquinas e equipamentos agropecuários e suas partes; café; silos e equipamentos para secagem, limpeza e seleção de grãos; produtos hortícolas; leguminosas, raízes e tubérculos; e ovos e gemas e rações.



Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim. 2010-26



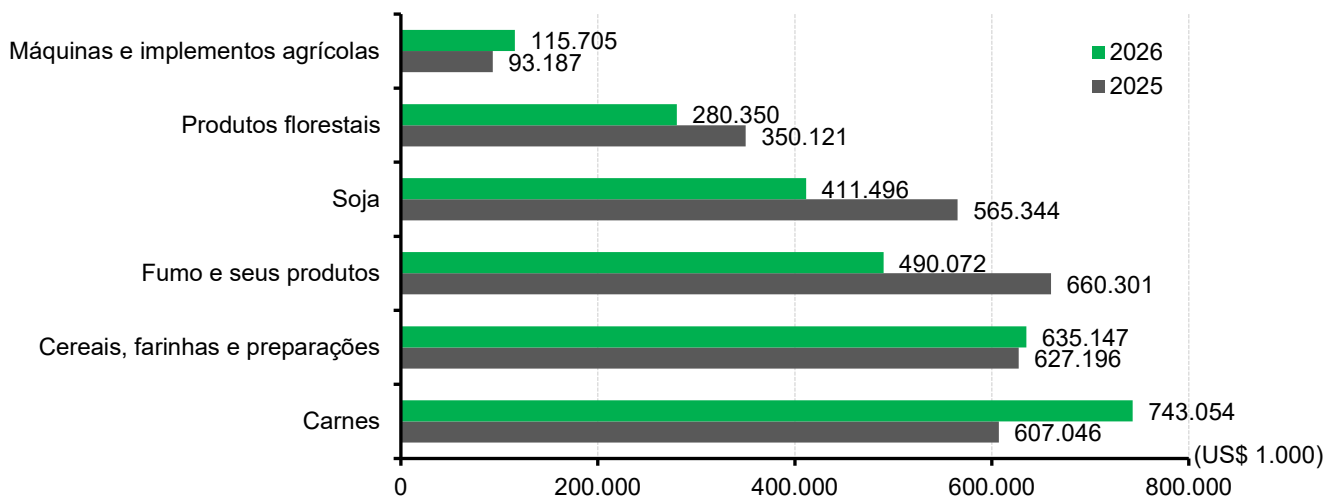
Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2026a).

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio no primeiro trimestre de 2026 foram: carnes (US\$ 743,1 milhões), cereais, farinhas e preparações (US\$ 635,1 milhões), fumo e seus produtos (US\$ 490,1 milhões), soja (US\$ 411,5 milhões) e produtos florestais (US\$ 280,4 milhões).

O resultado negativo do trimestre foi determinado, principalmente, pela redução nas exportações dos setores de fumo e seus produtos (menos US\$ 170,2 milhões; -25,8%), do complexo soja (menos US\$ 153,8 milhões; -27,2%) e de produtos florestais (menos US\$ 69,8 milhões; -19,9%). Contrariando o movimento geral de queda do trimestre, o setor das carnes (mais US\$ 136 milhões; 22,4%), dos animais vivos (mais US\$ 57,5 milhões; 147,4%) e das máquinas e implementos agrícolas (mais US\$ 22,5 milhões; 24,2%) apresentaram as maiores elevações absolutas no trimestre.

Gráfico 2

Principais setores exportadores do agronegócio no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2025 e 1.º trim./2026



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2026a).



As exportações do setor de fumo e seus produtos apresentaram a maior retração absoluta do trimestre, concentrada no fumo não manufaturado (menos US\$ 173 milhões; -28,7%). O recuo das exportações de fumo não manufaturado refletiu a redução das quantidades embarcadas e, em medida semelhante, a queda dos preços médios dos produtos exportados, sobretudo do tabaco não manufaturado do tipo Virgínia. Dessa forma, a retração do valor exportado decorreu simultaneamente da menor quantidade comercializada externamente e de condições menos favoráveis de preços internacionais. A queda das exportações para a China foi determinante para o resultado do setor. Como principal importador no trimestre, o país registrou a maior retração absoluta no segmento de fumo e seus produtos (menos US\$ 151,9 milhões; -50,6%).

No complexo soja, apesar do crescimento nas exportações do óleo de soja (mais US\$ 24,5 milhões; 49,2%) e do farelo de soja (mais US\$ 10 milhões; 3,7%), o recuo nas vendas externas da soja em grão (menos US\$ 188,3 milhões; -77%) determinou a *performance* negativa do setor nesse trimestre. Isso decorreu, principalmente, da redução da quantidade embarcada, refletindo a menor disponibilidade de soja em grão devido à queda da produção em 2025, provocada pela estiagem. A safra menor em 2025, associada ao estoque tradicionalmente baixo nesse período, comprometeu, de forma significativa, o volume disponível para exportação no início de 2026, limitando o potencial exportador do estado. Com o produto proveniente da safra de 2026, cuja quantidade está 34,6% acima da temporada passada (Tabela 1), a expectativa é de forte recuperação das exportações do setor nos próximos meses.

No caso dos produtos florestais, cuja redução absoluta foi a terceira maior entre os setores do agronegócio gaúcho, a queda concentrou-se na celulose (menos US\$ 52,3 milhões; -19,6%) e nas madeiras em bruto e manufaturas de madeira (menos US\$ 20,5 milhões; -27,2%). Na celulose, o recuo ocorreu, sobretudo, devido à menor quantidade embarcada da celulose semibranqueada ou branqueada de não coníferas. Isso também se verificou nas madeiras em bruto e manufaturas de madeiras, em que a menor quantidade embarcada foi determinante para o desempenho no trimestre. Em ambos os conjuntos de produtos, a queda concentrou-se nas vendas para os Estados Unidos.

Contrariando o movimento geral de retração do trimestre, o setor das carnes (mais US\$ 136 milhões; 22,4%) apresentou a maior elevação absoluta no agronegócio gaúcho e estabeleceu um novo recorde no período. Todas as principais proteínas animais exportadas pelo estado apresentaram crescimento, com destaque para a carne suína (mais US\$ 75,8 milhões; 49,6%) e a carne bovina (mais US\$ 33,7 milhões; 44,8%). Considerando a cesta de produtos exportados pelo setor da carne suína no primeiro trimestre de 2026, a decomposição³ da variação do valor exportado indica predominância do efeito quantidade. Dos US\$ 75,8 milhões de aumento observados no período, US\$ 71,2 milhões decorreram do crescimento das quantidades exportadas, enquanto US\$ 4,6 milhões estiveram associados ao

³ Nota metodológica:

A decomposição da variação do valor exportado é realizada por meio da classificação da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), para o trimestre de referência, a partir do valor de exportação sem custos de transporte e seguro — Free On Board (FOB) — e da quantidade física exportada, segundo a expressão:

$$\Delta V_{i,m} = (P_{2026,i,m} - P_{2025,i,m}) \times Q_{2026,i,m} + (Q_{2026,i,m} - Q_{2025,i,m}) \times P_{2025,i,m},$$

em que *i* representa a NCM, *m* o trimestre de referência, *V* o valor exportado, *P* o valor unitário implícito (valor FOB dividido pelo quilograma líquido) e *Q* a quantidade exportada. A decomposição é realizada por NCM e incorpora implicitamente o peso relativo de cada produto na pauta exportadora de acordo com os próprios valores e as quantidades observadas em cada NCM. O efeito preço pode refletir não apenas variações estritamente de preços, mas também alterações na composição dos produtos dentro das NCMs, especialmente em casos de elevada volatilidade dos valores unitários implícitos. Trata-se de uma decomposição contábil e descritiva, sem interpretação causal.



efeito preço. Dessa forma, a expansão das exportações de carne suína explica-se, principalmente, pelo aumento das quantidades embarcadas, com participação secundária dos preços.

Na carne bovina, embora também tenha havido crescimento das quantidades exportadas, o efeito preço apresentou maior contribuição para a elevação do valor exportado. Dos US\$ 33,7 milhões de crescimento observados no setor, US\$ 20 milhões estiveram associados à elevação dos preços unitários dos produtos exportados, enquanto US\$ 13,7 milhões decorreram do aumento das quantidades embarcadas. Assim, diferentemente da carne suína, o desempenho da carne bovina esteve mais associado à valorização dos produtos exportados do que à expansão física dos embarques. Esse movimento também é demonstrado pelo índice de preços de carnes da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). De acordo com a FAO (2026), os preços da carne bovina subiram para um novo pico em abril, sustentados por valores de exportação mais altos no Brasil, em meio à oferta limitada de gado pronto para abate, o que reflete o processo de recomposição do rebanho. Suporte adicional veio da forte demanda internacional, especialmente da China, onde as cotas de importação no âmbito de um novo mecanismo de salvaguarda de três anos estão sendo rapidamente preenchidas. Em linha com esse cenário, a China foi o principal destino em termos de crescimento absoluto das exportações de carne bovina do RS no primeiro trimestre de 2026.

No setor dos animais vivos, que apresentou o segundo maior crescimento absoluto no trimestre e estabeleceu um novo recorde para o período, foram exportadas 84 mil cabeças de bovinos vivos⁴, sobretudo para a Turquia e, em menor medida, para Marrocos, Iraque, Egito e Argélia. O Brasil é um grande exportador mundial de bovinos vivos, e o Rio Grande do Sul é o segundo maior exportador nacional, atrás do Pará. Esse desempenho tem sido acompanhado por investimentos do setor privado em infraestrutura de exportação no estado, com a implantação de novas plataformas logísticas voltadas à preparação sanitária e ao embarque de animais, o que tende a reforçar a capacidade exportadora gaúcha nos próximos anos.

No que se refere aos destinos das exportações do agronegócio gaúcho no primeiro trimestre de 2026, os principais foram: União Europeia (12,5%), China (11,5%), Filipinas (5,3%), Egito (5,3%), Indonésia (5,1%), Vietnã (4,6%) e Estados Unidos (4,2%), concentrando 48,4% do valor exportado no trimestre. A China apresentou a maior retração absoluta (menos US\$ 294,6 milhões; -44,6%), seguida por Vietnã (menos US\$ 119,2 milhões; -44,7%), Arábia Saudita (menos US\$ 86,8 milhões; -51,5%) e Estados Unidos (menos US\$ 71,4 milhões; -34,5%). Em um trimestre marcado por queda, destacam-se alguns destinos com expansão no valor exportado, sobretudo o Egito, que registrou o maior crescimento absoluto (mais US\$ 106,8 milhões; 174,6%), seguido por Filipinas (mais US\$ 103,5 milhões; 158,2%) e União Europeia (mais US\$ 61,5 milhões; 18,2%).

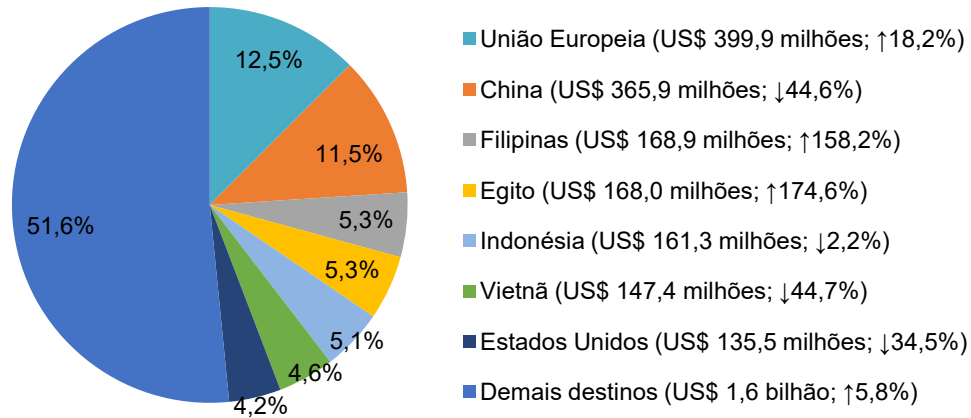
No trimestre, a queda nas vendas para a China concentrou-se na soja em grão (menos US\$ 161,2 milhões; -74,3%) e no fumo não manufaturado (menos US\$ 151,9 milhões; -50,6%). Para o Vietnã, a redução deveu-se, principalmente, ao recuo nas vendas do trigo (menos US\$ 114,2 milhões; -66,4%) e do farelo de soja (menos US\$ 29,8 milhões; -58,8%). No sentido oposto à tendência do trimestre, o crescimento concentrou-se no milho para o Egito (mais US\$ 132,1 milhões; 509,1%), na carne suína para as Filipinas (mais US\$ 83,1 milhões; 185,3%) e, para a União Europeia, no fumo não manufaturado (mais US\$ 30,2 milhões; 39,3%) e na carne de frango (mais US\$ 21,1 milhões; 91,5%).

⁴ NCM 01022990: outros bovinos vivos.



Gráfico 3

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2026



Fonte dos dados brutos: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Brasil, 2026a).
Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no primeiro trimestre de 2026, em dólares. Entre parênteses, os valores correspondem ao valor total exportado para o referido destino e os percentuais correspondem à variação do valor exportado no primeiro trimestre de 2026, comparativamente a 2025.

Em síntese, no primeiro trimestre de 2026, registrou-se uma retração moderada nas exportações do agronegócio gaúcho, determinada, sobretudo, pela queda nos setores do fumo, do complexo soja e dos produtos florestais, que mais do que compensaram os recordes e o forte desempenho do setor de carnes e de animais vivos. No caso da soja, a restrição de oferta decorrente da safra reduzida de 2025 foi o principal fator limitante, enquanto, no fumo, a combinação de menor volume embarcado e preços internacionais menos favoráveis, com destaque para a retração das compras chinesas, explicou o resultado. Do lado positivo, o setor de carnes foi impulsionado pela expansão das quantidades embarcadas de carne suína e pela valorização da carne bovina, em um contexto de preços internacionais em patamar recorde. Também se observou uma recomposição geográfica das vendas externas, com a expansão para destinos como Egito, Filipinas e União Europeia, o que atenuou parcialmente as perdas em mercados tradicionais como China e Vietnã. Para os próximos trimestres, a entrada da safra de soja de 2026, cuja produção está estimada em 34,6% acima da temporada anterior, deve favorecer a recuperação das exportações do agronegócio, ao passo que o cenário de oferta internacional restrita e de preços elevados para as carnes tende a sustentar o bom desempenho do setor das carnes. Ainda assim, o quadro externo segue incerto e sugere cautela. Nos Estados Unidos, a tarifa global de 10% continuou em vigor após a recente suspensão temporária da decisão contrária, enquanto a União Europeia avançou com restrições à entrada de produtos de origem animal do Brasil, com início previsto para setembro, o que tende a manter pressão sobre mercados sensíveis e reforçar a necessidade de diversificação das vendas externas. Soma-se a isso o conflito entre Estados Unidos e Irã, que segue sem resolução definitiva e mantém as cotações do petróleo Brent acima de US\$ 100 por barril, com reflexos diretos sobre os custos de frete internacional e, sobretudo, sobre os preços dos fertilizantes nitrogenados, o que eleva os custos de produção e pressiona as margens do setor agropecuário para a safra 2026/2027.

2 Emprego formal

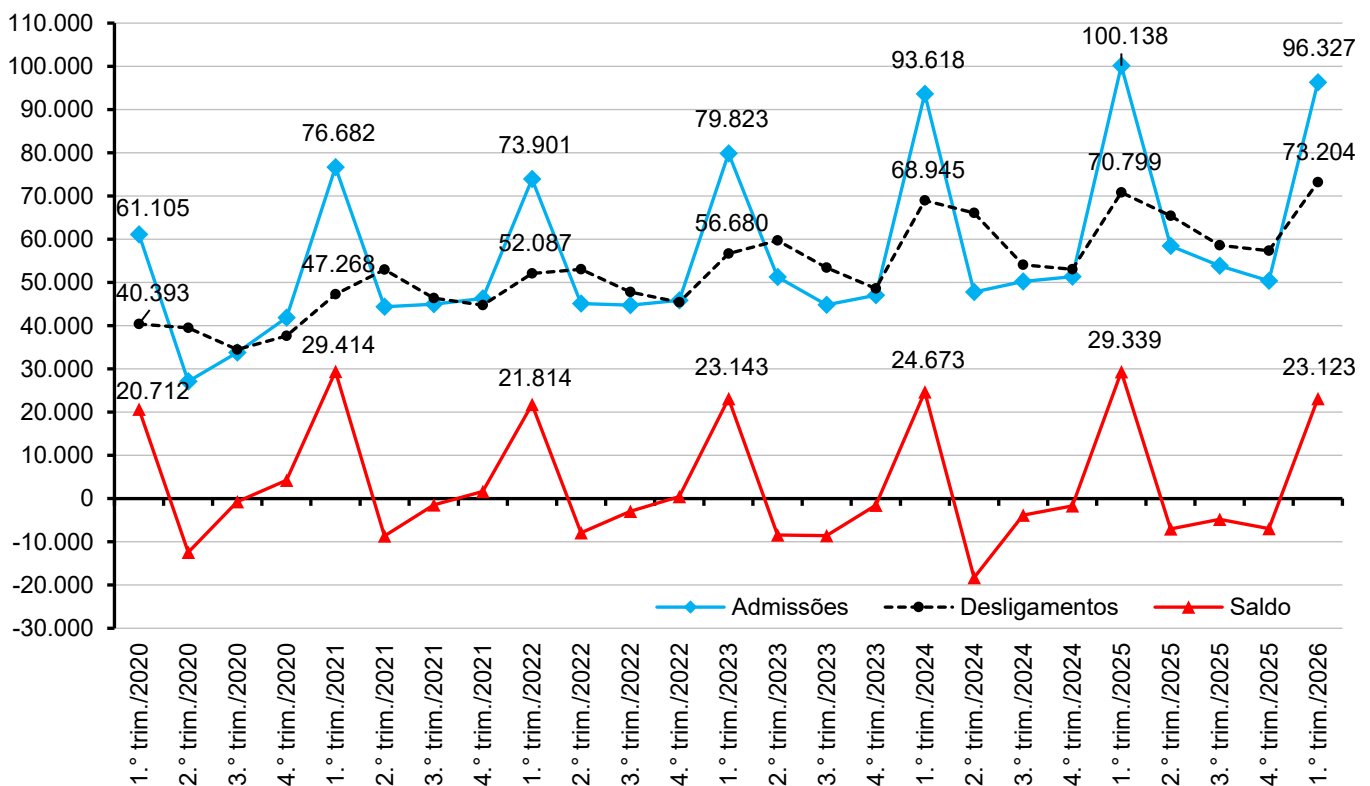
No primeiro trimestre de 2026, foi registrado saldo positivo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de admissões (96.327) superou o de desligamentos (73.204), resultando



na criação de 23.123 postos de trabalho com carteira assinada. Em 2025, no mesmo período, o saldo também foi positivo, totalizando 29.339 novos empregos. Historicamente, os primeiros meses do ano são caracterizados pela ocorrência de saldos positivos de empregos no agronegócio gaúcho, fenômeno explicado, sobretudo, pela mobilização de mão de obra para as atividades direta e indiretamente impactadas pelo avanço da safra de verão. Seguindo a sazonalidade para o primeiro trimestre, as admissões concentraram-se principalmente na indústria do fumo e nas lavouras permanentes. Nesse trimestre, apenas o segmento antes da porteira apresentou saldo negativo de empregos.

Gráfico 4

Evolução do emprego formal celetista (admissões, desligamentos e saldo) do agronegócio no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2020-1.º trim./2026



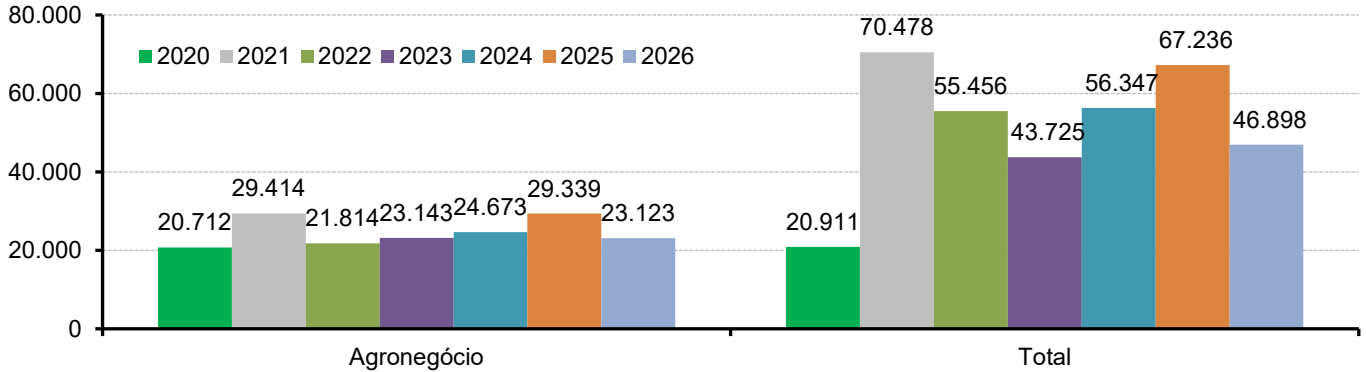
Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2026b).
Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

Para o conjunto da economia gaúcha, o trimestre também foi marcado pela criação de postos de trabalho. De janeiro a março de 2026, foram criados 46.898 empregos formais no Rio Grande do Sul. Em 2025, no mesmo período, o número de postos gerados foi maior (67.236 empregos). Dessa forma, no primeiro trimestre de 2026, período em que, tradicionalmente, o agronegócio tem a maior contribuição para o saldo total de empregos na economia, o setor respondeu por 49,3% dos novos empregos formais no estado.



Gráfico 5

Saldo de empregos total e no agronegócio do Rio Grande do Sul — 1.º trim. 2020-26



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2026b).
Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

Dos três segmentos do agronegócio gaúcho, o “**depois da porteira**”, composto predominantemente de atividades agroindustriais, liderou a criação de postos de trabalho no primeiro trimestre (mais 15.137 empregos), seguindo a tendência para o período. O principal setor responsável pelo resultado foi o de fabricação de produtos do fumo, que gerou 10.078 empregos. Na indústria fumageira, as contratações temporárias são típicas do primeiro trimestre e, no período em análise, apresentaram pico em fevereiro, concentrando-se majoritariamente no Vale do Rio Pardo, principal aglomeração produtiva brasileira especializada nesse segmento. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2026a), a safra gaúcha de fumo é estimada em 344,6 mil toneladas em 2026, um recuo de 2% em relação ao ano anterior (Tabela 1).

Tabela 1

Área plantada, produção e rendimento médio de culturas selecionadas das lavouras de verão no Rio Grande do Sul — 2025 e 2026

PRODUTOS DAS LAVOURAS	ÁREA PLANTADA (1.000 hectares)			PRODUÇÃO (1.000 toneladas)			RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha)		
	2025	2026	Variação %	2025	2026	Variação %	2025	2026	Variação %
Arroz	971,3	909,5	-6,4	8.760,1	7.943,6	-9,3	9.019	8.734	-3,2
Milho	718,9	833,4	15,9	5.294,2	6.447,3	21,8	7.365	7.736	5,0
Soja	6.796,7	6.699,4	-1,4	13.647,1	18.373,0	34,6	2.008	2.742	36,6
Fumo	160,7	162,8	1,3	351,6	344,6	-2,0	2.188	2.117	-3,2
Uva	48,3	47,7	-1,3	956,8	1.038,7	8,6	19.807,4	21.778,4	10,0

Fonte dos dados brutos: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (IBGE, 2026a).

Além da indústria fumageira, os setores de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais (mais 2.167 postos) e de moagem e fabricação de produtos amiláceos (mais 1.773 postos) foram destaques na geração de empregos no setor depois da porteira. Ambos os movimentos apresentam uma sazonalidade típica do período, com média mais elevada no saldo de empregos em relação aos demais trimestres. Tradicionalmente, o setor de moagem e fabricação de produtos amiláceos apresenta pico de contratações em fevereiro, associado ao beneficiamento do arroz, enquanto o comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais registra o maior volume de admissões em março, em função da intensificação da comercialização da safra de verão.



Na indústria de abate e fabricação de carnes, principal setor empregador do agronegócio gaúcho, havia, em março, 72.461 vínculos ativos com carteira assinada, recorde histórico para o setor. Como destacado anteriormente, o comércio exterior das proteínas animais produzidos no estado registrou, entre janeiro e março, o maior crescimento entre os setores exportadores, o que provavelmente contribuiu para o dinamismo do emprego na indústria de carnes no trimestre, que apresentou 1.566 contratações.

No segmento “**dentro da porteira**”, constituído pelas atividades agropecuárias, foram criados 8.687 postos de trabalho no primeiro trimestre. Houve grande mobilização de trabalhadores no setor de lavouras permanentes (mais 5.720 postos), notadamente para as atividades de colheita da maçã nas regiões da Serra e dos Campos de Cima da Serra. Nas lavouras temporárias, foram gerados 1.442 empregos, sobretudo na atividade de cultivo de cereais. Apesar da escassez hídrica durante o ciclo evolutivo, a produção agrícola do estado, com exceção do arroz e do fumo, apresentou recuperação ante a safra de 2025 (Tabela 1). É importante considerar que, na produção de lavouras temporárias, a relevância do emprego formal é secundária em relação ao conjunto do pessoal ocupado. Prevalece o modelo de organização familiar, que, em termos do emprego, é mais resiliente aos impactos climáticos, e, nas unidades produtivas empresariais, ocorrem, principalmente, contratações pontuais para atender às necessidades sazonais associadas ao encerramento do ciclo produtivo das culturas de verão.

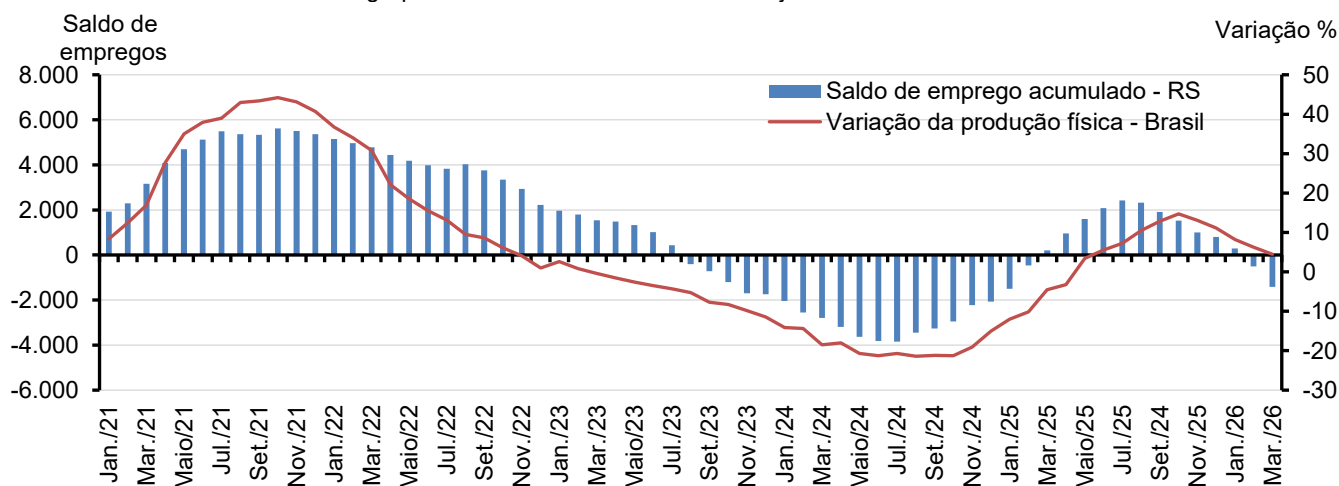
O segmento “**antes da porteira**”, que engloba atividades voltadas ao fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária, foi o único que registrou saldo negativo de empregos no primeiro trimestre de 2026 (-701 vagas). Esse desempenho foi puxado pelo seu principal setor, o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos de uso agropecuário, que teve saldo negativo de 369 empregos. Em 2023, o setor perdeu 1.749 vagas, revertendo o forte movimento de contratações observado em 2022, quando o saldo foi positivo em 2.220 empregos. Em 2024, a tendência de redução prosseguiu, com a eliminação de 2.067 postos formais. A partir de março de 2025, o saldo acumulado em 12 meses voltou a ser positivo, com o ápice em julho, mas com tendência de queda deste então (Gráfico 6). No primeiro trimestre de 2026, o setor apresentou saldo acumulado em 12 meses negativo, de menos 1.416 postos.

Além disso, os dados de produção física nacional para o setor — no qual o RS tem participação destacada — também reforçam essa tendência de queda. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal (IBGE, 2026b), a produção nacional de máquinas e equipamentos agropecuários acumulou crescimento de 4,5% nos 12 meses encerrados em março de 2026. Apesar do aumento, esse patamar é significativamente inferior ao do melhor momento do último ciclo, quando a produção acumulou um crescimento de 14,7% em outubro de 2025. Contudo, apesar do cenário de desaceleração no emprego e na produção física, as exportações gaúchas de máquinas e implementos agrícolas seguiram em trajetória oposta no primeiro trimestre de 2026. O setor registrou expansão, contrariando o movimento geral de queda das exportações do agronegócio gaúcho no trimestre. Dessa forma, a demanda externa atuou como fator de sustentação parcial do setor, ainda que fosse insuficiente para reverter a tendência de ajuste no mercado de trabalho e na atividade industrial.



Gráfico 6

Varição da produção no Brasil e saldo de empregos no setor de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários do Rio Grande do Sul — jan./2021-mar./2026



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física - Brasil (IBGE, 2026b).
Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2026b).
Nota: 1. Variação percentual da produção física acumulada em 12 meses.
2. Saldo de empregos acumulado em 12 meses.

Na Tabela 2, estão detalhadas as informações dos setores com maior criação e maior perda de postos de trabalho do agronegócio gaúcho no primeiro trimestre de 2026. Entre os setores que mais criaram empregos, destacam-se o de abate e fabricação de produtos de carne e o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, ambos com piora expressiva de desempenho em relação ao ano anterior. O setor de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, que apresentou o segundo menor saldo no trimestre, também se destacou pela significativa redução do saldo no trimestre em relação ao ano anterior. Em conjunto, esses dois setores explicam uma parcela significativa da diferença entre o saldo do emprego formal do agronegócio no primeiro trimestre de 2026 e o registrado no mesmo período do ano anterior.

Tabela 2

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2025 e 1.º trim./2026

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	1.º Trim./2025	1.º Trim./2026	
Maiores saldos			
Fabricação de produtos do fumo	10.383	10.078	-305
Produção de lavouras permanentes	5.634	5.720	86
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais	2.348	2.167	-181
Moagem e fabricação de produtos amiláceos	1.589	1.773	184
Abate e fabricação de produtos de carne	2.994	1.566	-1.428
Menores saldos			
Fabricação de conservas	-48	-1.904	-1.856
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários	1.846	-369	-2.215
Produção de sementes e mudas certificadas	-367	-207	160
Comércio atacadista e aluguel de máquinas e equipamentos para uso agropecuário	155	-147	-302
TOTAL DO AGRONEGÓCIO	29.339	23.123	-6.216

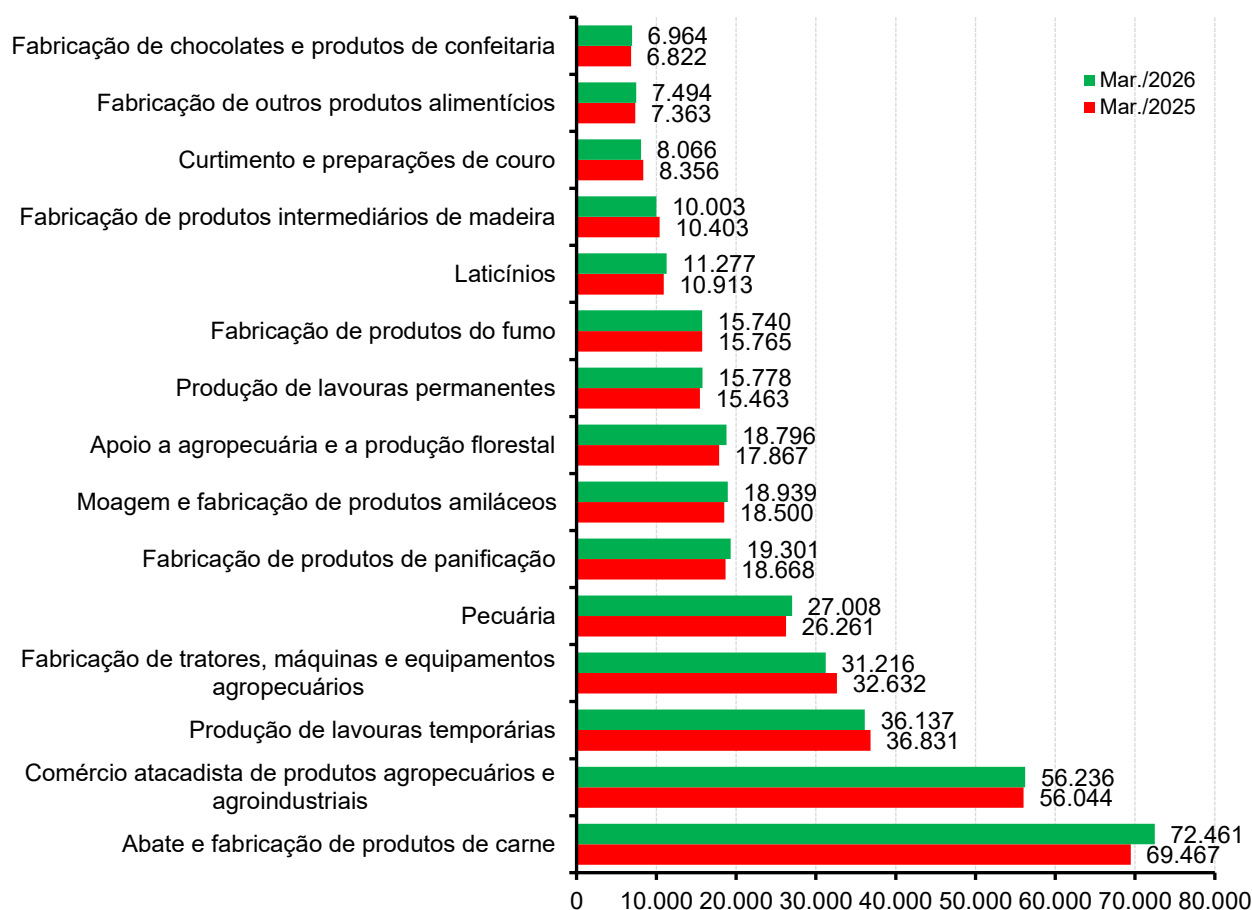
Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2026b).
Nota: Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.



Em março de 2026, os setores com maior estoque de empregos formais no agronegócio gaúcho eram os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, de produção de lavouras temporárias e de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários. Entre os 15 principais setores empregadores do agronegócio gaúcho, somente os de produção de lavouras temporárias, de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários, de fabricação de produtos do fumo, de fabricação de produtos intermediários de madeira e de curtimento e preparações de couro registraram redução no estoque de empregos, na comparação de março de 2026 com março de 2025.

Gráfico 7

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — mar./2025 e mar./2026



Fonte dos dados brutos: Ministério do Trabalho e Emprego, Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (Brasil, 2026b).

Nota: O estoque é estimado através da combinação das informações do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Secretaria de Comércio Exterior. **Comex Stat**. [Brasília, DF]: MDIC, 2026a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 7 maio 2026.



BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho**. [Brasília, DF]: MTE, 2026b. Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged?view=default>. Acesso em: 2 maio 2026.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard University, 1957.

FAO. **FAO Meat Price Index**. Rome: Food And Agriculture Organization of the United Nations, 2026. Disponível em: <https://www.fao.org/markets-and-trade/commodities-overview/basic-foods/fao-meat-price-index/en>. Acesso em: 12 maio 2026.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - março 2026. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2026a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/brasil>. Acesso em: 2 maio 2026.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física. [Rio de Janeiro]: IBGE, mar. 2026b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8885>. Acesso em: 12 maio 2026.

